



PALAVRAS DE ORIGEM INDIANA NO LÉXICO DA LÍNGUA PORTUGUESA –  
PROCESSOS DE REITERAÇÃO, RECONFIGURAÇÃO E DISPERSÃO  
SEMÂNTICA  
(WORDS OF INDIAN ORIGIN IN THE LEXICON OF THE PORTUGUESE  
LANGUAGE – PROCESS OF REITERATION, RECONFIGURATION, AND  
SEMANTICAL DISPERSION)

Mário FERREIRA (Universidade de São Paulo)

*ABSTRACT: The article postulates three typological categories – namely, semantic reiteration, reconfiguration and dispersion –, relative to the portuguese language incorporation process from words of Indian origin, with the purpose of demonstrating that such process resulted from the tension between asymmetrical axiomatic values inscribed within the linguistic systems in contact.*

*KEYWORDS: luso-asiatic lexicon; portuguese language expansion; indian languages.*

Não obstante numeroso e diversificado, o rol de palavras indianas incorporadas ao léxico da língua portuguesa constitui, no domínio dos estudos lingüísticos, objeto de investigação ainda pouco explorado, mormente no que respeita à identificação dos mecanismos semânticos de empréstimo vernacular. Com efeito, embora já mapeado (sobretudo, nas obras de Dalgado [1919/1921] e Nimer [1943]), o léxico português oriundo de línguas indianas não tem sido estudado na perspectiva metodológica – potencialmente produtiva – de um confronto dinâmico de línguas em contato, a qual supera, neste sentido, a mera identificação das bases etimológicas no âmbito das línguas confrontadas e estabelece, como foco de análise, o estudo de interseções nem sempre contíguas ou simétricas entre visões de mundo e os sistemas de designação que lhes correspondem.

O presente artigo, adotada a perspectiva de método referida, tem, por objetivo, estipular três categorias tipológicas, relativas ao processo de incorporação, pela língua portuguesa, de bases léxicas indianas – a saber, as categorias de *reiteração*, *reconfiguração* e *dispersão* semântica, aqui entendidas como graus progressivos de maior ou menor convergência interidiomática. As palavras estudadas pertencem, sem exceção, a obras de autores portugueses redigidas nos séculos XVI e XVII.

1. Conforme já se assinalou, é quantitativamente numeroso o conjunto de palavras portuguesas cujo étimo deriva de línguas indianas<sup>1</sup>. São múltiplos os campos semânticos configurados pelos vocábulos em estudo, abrangendo eles domínios diversos, como os do mundo material, os das instituições sociais e os dos conceitos éticos e metafísicos. Como um todo, tais empréstimos vocabulares dão conta do “intenso processo de interação cultural havido entre as civilizações em contato”, podendo-se, neste sentido, “afirmar que a riqueza das trocas interidiomáticas –

---

<sup>1</sup> Entre estas, destacam-se o hindi, o hindustâni, o malaiala, o marata, o tâmil – e, sobretudo, o sânscrito, base lexicogênica, por sua vez, dos idiomas referidos.



desdobrada tanto no âmbito das representações do mundo material, como no da designação do mundo simbólico – denuncia o profundo interesse do colonizador em conhecer as características culturais dos colonizados”, e, também, “a incapacidade da civilização portuguesa de aferir com parâmetros neutros de referência os traços simbólicos das culturas do oriente” (Ferreira [2000: 431]).

Toda interação interidiomática, sabe-se, desdobra-se no âmbito de complexo processo de configurações semânticas, no qual exercem papel diretivo os vetores de designação, comandados pelas coerções do universo material simbolizado e pelas injunções dos eixos de valores ideológicos. No caso do rol em estudo, articula-se ele, de modo bastante evidente, no espaço de interseção de dois universos díspares e assimétricos, marcados pelo contraste de eixos opositivos diversos, como, para citar apenas três, e assumindo a perspectiva portuguesa, cristianismo X hinduísmo, metrópole X colônia, civilização X barbárie, ademais das oposições entre os sistemas de designação inscritos nas línguas em confronto. Parece correto – estabelecido tal confronto de valores – estipular que a construção dos empréstimos vernaculares se efetua de acordo com uma convergência maior ou menor dos traços semânticos das bases léxicas do percurso língua de partida → língua de chegada.

2. Propõe-se, nestes termos, estabelecer uma gradação tipológica das palavras em estudo, em consonância com o grau aferido de interseção interidiomática, conforme as descrições a seguir.

2.1. Reiteração semântica. Sob tal tipo, integram-se os empréstimos construídos em conformidade com estrita reprodução dos vínculos entre significado e referente do vocábulo de partida, apresentando o vocábulo vernáculo procedimentos diversos de acomodação fonética. Enquadram-se na categoria palavras designativas de significados ausentes do léxico português e desprovidas de vocábulo próprio correspondente. Eis uma amostra de tais palavras, organizadas por campos semânticos e acompanhadas das indicações etimológicas e das abonações textuais:

*elementos do mundo vegetal: nele* (arroz em casca, não polido), do malaiala *nel* [Ab(onação): (1687)<sup>2</sup> “(...) crendo que quem lhe fizer sacrifício de casca de nele marí (nele he arroz com casca), e de azeyte de coco, fará logo acordar.” – Queiroz (1912: 7)]; *maçoi* (árvore cuja casca aromática se emprega na produção de fármacos), do malaiala *masui* [Ab.: (1560) “Em Amboino ha muitos Christãos do nosso tempo, e muito maçoi, que parece canela braua.” – Rebello (1839: 190)]; *ola* (folha de palmeira), do malaiala *ola* ou do tâmil *olei* [Ab.: (1561) “A necessidade nos ensinou a buscar de outra parte ola, que achámos muito boa, e que é uma folha como de espadana, com que nestas partes costumam cobrir as casas.” – Henrique Dias, *História trágico-marítima* (1561: III, 86), *apud* Dalgado (1921: s.v.)];

*elementos do mundo animal: mandali* (cobra venenosa), do tâmil *mandali*<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Os números entre parênteses indicam a data de redação (efetiva ou provável) do texto transcrito.

<sup>3</sup> Na transcrição das palavras indianas, empregam-se caracteres redondos nos vocábulos em itálico ou – pelo critério contrário – caracteres itálicos em vocábulos em redondo, para assinalar, quando necessário, uma distinção diacrítica. Assim, em *mandali*, o [n] e o [d] redondos marcam, respectivamente, a nasal dental cacuminal e a dental surda cacuminal, por oposição à nasal dental [n] e à dental surda [d]. O acento circunflexo indica o alongamento das vogais.



[Ab.: (1516) “Ha outra sorte de cobras muyto mais peçonhentas, ha que hos Indios chamaom mandalis; que saom tam uenenosas, que em mordendo mataom, sem ha pesoa ha que mordem em lhes chegando poder mais falar, nem fazer geito de morrer.” – Duarte Barbosa, *Livro de relação* (: 217), *apud* Dalgado (1921: s.v.); *meru* (veado de grande porte), do sânscrito *mrga*, através do concani *merûm* [Ab.: (1609) “Ha muitos merús, que são como asnos, mas tem cornos, e unha fendida, como veados, cuja carne he muito boa para comer.” – Santos (1891: I, 128)];

*elementos do mundo mineral: quiniguilão* (safira de cor escura), do malaiala *karin-kallu-nîlam* [Ab.: (1616) “Achase igualmente em Ceilão outra especie de safiras não tão grandes, a que chamão queniguilam” – Duarte Barbosa, *Livro* (1616: 341), *apud* Dalgado (1921: s.v.)];

*nomes de medidas: mercar* (moeda particionária da rúpia), do tâmil *marakkâl* [Ab.: (1554) “Cada cota tem 24 mercares, medidas da terra; e d’outros mercares, mais pequenos, 32 fazem hua cota. E manteya e azeite huum mercar tem 2 ½ canadas.” – *Livro dos pesos* (1554: 36), *apud* Dalgado (1921: s. v.)]; *roio*, do marata *kirâya* (imposto anual sobre colheitas) [Ab.: (1635) “Tomando por achaque um certo foro chamado roio, que os nossos costumavam pagar ao Melique, dos palmares que tinham nas suas terras.” – Bocarro (1876: XIII, 17)];

*nomes de objetos diversos: manchua* (embarcação provida de um mastro com vela quadrada), do tâmil *mañji* (ou do marata *manchvâ*) [Ab.: (1539) “Se embarcou logo com trinta soldados no batel, e em manchuas em que os inimigos vierão.” – Pinto (1983: cap. 40)]; *pataca* (faixa de seda, utilizada à volta do pescoço), do sânscrito *pattika*, através do hindustani *pattakâ* [Ab.: (1552) “A pedraria das orelhas, barrete da cabeça, pataca, cingida, e bracetes dos braços, e pernas, erão estas cousas de tão grande estima que não avião inueja as joyas dos nossos.” – Barros (1982: I, v, 5)]; *rabana* (instrumento de percussão, provido de pequenos tímboles de ferro), do malaiala *rabâna* [Ab.: (1613) “E as donzellas chamadas vajanas são bailadeiras e cantoras de canto brando e suave que bailão e cantão com harmonia ao som de attambores ou rabanas, com que são muy apraziveis aos malayos nobres.” – Manuel G. de Erédia, *Declaração de Malaca* (1613: fl. 31), *apud* Dalgado (1921: s.v.)]; *pataia* (caixa de madeira, utilizada para guardar cereais diversos), do malaiala *pattâyam* [Ab.: (1525) “E umas pataias, em que se recolhe bate, que tambem são de sua alteza.” – Botelho (1868: 216)].

2.2. Reconfiguração semântica. Enquadram-se neste tipo os empréstimos vernaculares que reiteram a relação entre referente e significante do vocábulo de partida, conferindo-lhe, contudo, novo recorte de significado. A reconfiguração do sentido do vocábulo de chegada resulta da reorientação ideológica dos estímulos do contexto cultural observado, e envolve estratégias semânticas diversas. Entre estas, destacam-se, no percurso de construção dos empréstimos, a translação de contextos (assim, do sagrado para o profano ou do profano para o sagrado) e a redução ou ampliação dos campos semânticos (decorrentes, estas, da impermeabilidade, maior ou menor, dos valores axiológicos dos idiomas em contato). Eis alguns exemplos:

*mali* (jardineiro, ortelão), do sânscrito *mâlin*, através do hindi *mâli*. Em hindi, *mâli* designa o devoto (principalmente, dos cultos visnuítas) encarregado de adornar, com flores e confeitos, seguindo procedimentos estipulados tradicionalmente, o espaço sagrado de manifestação (*avatâra*) ou de contemplação (*darçana*) duma dada divindade.



Observa-se que, na palavra portuguesa, se apaga a referência ao cunho ritualístico da ação do agente, conservando-se apenas o traço “cuidado com flores num jardim”. [Ab.: (1563) “Os que nós chamamos ortelãos, que são os que cultivão as ortas e pomares, chamão elles malis” – Garcia da Orta, *Colaçom*, LIV, *apud* Dalgado (1921: s.v. *mali*)];

*pandito* (médico). Do hindí *pandit*, que designa, especificamente, o homem de casta brâmane, versado na tradição textual da seita à qual pertence e encarregado de difundir-la, como um mentor, aos discípulos que lhe são confiados. O sentido da palavra portuguesa reduz a função multiforme do *pandit* à de um conselheiro médico, cujos saberes são, no mais das vezes, postos sob suspeição. [Abs.: (1663) “Ha na India alguns Bramenes medicos, e são chamados panditos” – Godinho (1663: 25); (1673) “Fingi pois estar doente com febre, trouxeram-me logo um pandito ou medico gentio, que sem custo achou o meu pulso alterado, e tomando como verdadeira a febre que eu fingira, me mandou sangrar” – Dellon, *Narração da inquisição* (1673: 129), *apud* Dalgado (1921: s. v.)];

*andor*. Do sânscrito *hindola*, “balança ou liteira ornados, em que se carregam no crepúsculo imagens de *Krsna*, por ocasião do Festival do Balanço, no mês *çravana* [= estação das chuvas]” (cf. Monier-Williams [1899: s.v. *hindola*]), através do malaiala *andola*, “base com que se conduzem imagens de divindades (sobretudo, *Krsna* e *Râma*)”. Observa-se que a palavra portuguesa (na medida em que designa o palanquim em que se conduzem imagens de santo) incorpora os traços semânticos da forma e da função do objeto indiano, o qual se translada para o universo das práticas cristãs, reconfigurando-se o contexto de manifestação da sacralidade (com efeito, *hindola* é transporte de divindades afetas a ritos de fertilização, realizados para benefício das terras e das mulheres, e estranhos, por conseguinte, aos sacramentos cristãos); assinala-se também que a homologação, válida na língua portuguesa, mas não no malaiala, entre *andor* = “base para conduzir dignatários”, constitui processo de apagamento do valor semântico básico do vocábulo indiano;

*canja*. Do malaiala *kañji*, “sopa de arroz”. Reconfiguração por acréscimo: a palavra portuguesa conserva os traços “caldo quente + arroz”, específicos da culinária predominantemente vegetariana do Malabar, com a junção do traço “carne de galinha”, próprio da culinária onívora portuguesa;

*neiquebari* (chefe de aldeia, arrecadador de impostos). Do sânscrito *nâyaka*, “chefe de aldeia, encarregado da posse do bastão (*danda*) da ordem”, pelo marata *nâyakavâdi*. Exemplo de apagamento de traços semânticos (no caso, referentes à função do brâmane, regente de aldeia, que representa a ordem, simbolizada pela posse do bastão da lei) e de fixação redutiva de sentido (por meio da qual o chefe de aldeia é assemelhado a um arrecadador de impostos). [Ab.: (1553) “E o modo entre si de se partir este foro, he que os neiquebaires cabeceiras de aldeia que vem da linhagem dos mais principaes daquella pouoação, fazem cada anno lançamento por todos os moradores” – Barros (1982: II, v, 1)].

2.3. Dispersão semântica. Classificam-se aqui, por fim, os empréstimos em que a reconfiguração semântica, apontada em 2.2., reordena o significado do vocábulo, para além do campo de sentido do signo de partida. Trata-se de palavras vinculadas amiúde ao campo da ética e da religião, nas quais, de modo claro, se revelam as dificuldades de interação entre as culturas em contato. Exemplos:



*ramerrão* (ruído monótono e continuado); *ramerrameiro* (retrógrado; oposto ao progresso). Da expressão sânscrita *râma râma*, “Ó Râma! Ó Râma!”, invocação ao protagonista do épico *Râmâyâna*, celebrado como *avatara* de *Visnu*, utilizada, por toda a Índia, como forma cortês de saudação, através da fórmula pan-indiana *Râm Râm*. Processo evidente de dispersão semântica, marcado pelo apagamento, no substantivo vernáculo, do conteúdo devocional da expressão indiana e pela projeção, no adjetivo, do traço de “contrário ao progresso”, como característica daquele que, ao contrário do falante português, emprega a fórmula de cortesia;

*saniassi* (asceta). Do sânscrito *samnyâsin*, “aquele que renuncia ao mundo”, adjetivo que designa o homem, devoto ou não, e não necessariamente pertencente à casta dos brâmanes, que renuncia aos vínculos de pertença à sociedade constituída, passando a viver de modo errante, em busca de saberes diversos. O estado de *samnyâsin* representa um estágio de vida (a saber, o quarto, abraçado por muitos indianos, sobretudo após a maturidade) e não consiste em escolha exclusiva de uma ordem religiosa, entendida esta no sentido de organização dogmática e institucional. A imprecisão na definição do termo, conforme se pode observar nos textos portugueses, denuncia a ausência de quadro referencial adequado para a compreensão do significado do termo indiano. [Ab.: (1608) “Na outra casa mora o padre Roberto Nobili (...) o procedimento seu he (quanto no exterior se pode compadecer com nossa santa religiam) ao modo dos sacerdotes daquela gente, que elles tem por santos, e a que chamam *gorús*, que he o mesmo que mestres e saniassa, que he o mesmo que homens santos e recolhidos.” – Fernão Guerreiro, *Relaçam Annual* (1608: 84), *apud* Dalgado (1921: s.v.); (1687) “Fazem cortesia aos seus mestres espirituaes, e aos seus saniazos, que neste Industan são seus religiosos.” – Queiroz (1912: 62)];

*paraxati* (mulher suprema). Do sânscrito *paraçakti*, força material feminina – complementar de *purusa*, o princípio masculino puro, não condicionado –, responsável pelo desdobramento das potencialidades do mundo manifesto. Na abonação abaixo, como na de *saniassi*, nota-se a impropriedade do recorte do vocábulo, decorrente da assimilação *paraçakti* = mulher, com o que o conceito indiano, metafisicamente complexo, fica privado de seu sentido nuclear. [Ab.: (1687) “Dizem em seus Vedaos, que ouue hua mulher chamada paraxati, que vai excelentissima, e superior potencia, a qual teue três filhos.” – Queiroz (1912: 61)];

*rocossa* (demônio). Do sânscrito *râksasa*, nome de uma subclasse de divindades noturnas, que se ocupam com transtornar a realização de ritos, assediar seres humanos e perambular em cemitérios. Nas abonações do termo, constata-se a redução dispersiva da palavra indiana, transposta em vernáculo nos moldes da demonologia cristã e, nesta perspectiva, associada à necromancia. [Ab.: (1687) “Ali se exercitarão de tal modo na negromancia, que forão reputados por demonios, e por esta causa chamão aquela terra Rocosabumi, que quere dizer terra habitada dos demonios.” – Queiroz (1687: 6)].

3. Postuladas tais categorias, parece ser lícito estabelecer que o processo de incorporação, pela língua portuguesa, de vocábulos de origem indiana, resulta da seleção dos estímulos semânticos das palavras de partida, configurando-se os empréstimos, em graus maior ou menor de fidelidade, de acordo com as coerções dos referentes observados. Cabe, neste sentido, propor que os referentes relativos ao





universo material dos objetos, devido à sua relativa neutralidade axiológica, exercem forte coerção de identidade sobre os vocábulos vernáculos, ao passo que os referentes próprios do universo ideológico encontram forte resistência no que respeita à sua reconstrução e incorporação interidiomática. Pode-se, por fim, propor que o eixo reiteração–dispersão semântica, nos termos de classificação propostos, e em função do índice de permeabilidade das línguas em contato, explica a desproporção, no rol de palavras portuguesas em estudo, dos vocábulos referentes aos campos das coisas e seres (bastante numerosos), relativamente àqueles próprios do domínio dos valores (escassos ou quase ausentes).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, João de. *Décadas*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1982.
- BOCARRO, António. *Década 13 da História da Índia*. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1876.
- BOTELHO, Simão. *O tombo do Estado da Índia*. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1868.
- DALGADO, Sebastião Rodolfo. *Glossário luso-asiático*. Coimbra: Imprensa da Universidade, vol. I, 1919; vol. II, 1921.
- FERREIRA, Mário. Considerações sobre o léxico indiano na língua portuguesa – Uma questão de línguas em contato. *ESTUDOS LINGÜÍSTICOS*, Assis, n. XXIX, pp. 429-436, 2000.
- GODINHO, Manuel. *Relação do novo caminho que fez por terra e mar vindo da Índia para Portugal no ano de 1663*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1974.
- MONIER-WILLIAMS, MONIER. *A Sanskrit-English Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1899.
- NIMER, Miguel. *Influências orientais na língua portuguesa*. São Paulo, [edição do autor], 1943, 2 vols.
- PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinações*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1983.
- QUEIROZ, Fernão de. *Conquista do Ceylão*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1912.
- REBELLO, Gabriel. *Informação das cousas de Maluco*. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1839.
- SANTOS, João dos. *Ethiopia oriental*. Lisboa: Bibl. de Clássicos Portugueses, 1891.

**RESUMO:** *O artigo tem por objetivo postular, exemplificando-as, três categorias tipológicas – a saber, de reiteração, reconfiguração e dispersão semântica –, relativamente ao processo de incorporação, pela língua portuguesa, de palavras de origem indiana. Procura-se demonstrar que tal processo resultou da tensão entre valores axiológicos assimétricos inscritos nos sistemas lingüísticos em contato.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *léxico luso-asiático; expansão da língua portuguesa; línguas indianas.*